

DO CONTEMPORÂNEO SURGE UMA NOVA DISTOPIA: UMA ANÁLISE DAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO COM BASE EM QUATRO TRILOGIAS

RESUMO

As distopias contemporâneas têm sido largamente estudadas, pois muitos teóricos as consideram uma atualização ao gênero distopia como era concebido tradicionalmente. Sob este prisma, este trabalho busca analisar alguns aspectos que diferenciam a atual forma do gênero de seus antecessores. Analisar-se-á a ocorrência do pós-humano e transumano, bem como as implicações sociais em ambos na criação de sociedades distópicas. Além disso, buscar-se-á demonstrar as diferentes características resultantes da troca de foco das narrativas, que vai da ênfase no social nas distopias tradicionais para o corpo e a essência do humano nas distopias contemporâneas. Para tal, este trabalho utiliza-se das contribuições de Gregory Claeys (2010), Rafaella Baccolini (2004), Eduardo Marks de Marques (2014) e Cary Wolfe (2010).

Palavras-chave: Distopias contemporâneas, transumanidade, pós-humanidade, utopia.

ABSTRACT

FROM THE CONTEMPORARY A NEW DYSTOPIA EMERGES: AN ANALYSIS OF THE MAIN CHARACTERISTICS OF THE GENRE BASED ON FOUR TRILOGIES

Contemporary dystopias have been extensively studied since many theorists consider them an update to the genre dystopia as it was traditionally conceived. In this light, this paper seeks to analyze some aspects that differentiate the current form of the genre from its predecessors. The occurrence of posthuman and transhuman will be analyzed, as well as the social implications in both in the creation of such societies. In addition, this paper will try to demonstrate the different characteristics resulting from the shift in the narrative perspective that goes from the social emphasis on traditional dystopias to body and human essence in contemporary dystopias. For such purpose, this work uses the contributions of Claeys, Baccolini, Marks de Marques and Wolfe.

Keywords: Contemporary dystopia, transhumanity, posthumanity, utopia.

RESUMEN

DE LO CONTEMPORÁNEO EMERGE UNA NUEVA DISTOPÍA: UN ANÁLISIS DE LAS PRINCIPALES CARACTERÍSTICAS DEL GÉNERO A PARTIR DE CUATRO TRILOGÍAS

Las distopías contemporáneas han sido ampliamente estudiadas, ya que muchos teóricos las consideran una actualización del género de la distopía tal como se concibió tradicionalmente. Desde esta perspectiva, este trabajo busca analizar algunos aspectos que diferencian la forma actual del género de sus predecesores. Se analizará la ocurrencia de lo poshumano y lo transhumano, así como las implicaciones sociales de ambos en la creación de sociedades distópicas. Además, se buscará demostrar las distintas características resultantes del cambio de enfoque de las narrativas, que va desde el énfasis en lo social en las distopías tradicionales hasta el cuerpo y la esencia humana en las distopías contemporáneas. Para ello, este trabajo utiliza los aportes de Gregory Claeys (2010), Raffaella Baccolini (2004), Eduardo Marks de Marques (2014) y Cary Wolfe (2010).

Palabras clave: Distopías contemporáneas; transhumanidad; post-humanidad; Utopía.

INTRODUÇÃO

As distopias contemporâneas representam uma atualização no gênero distopia; muitos são os teóricos e os termos utilizados para lidar com estas novas manifestações do gênero. Conceitos como “distopia crítica”, “terceira virada distópica” ou “contínuo distópico-utópico” sinalizam a especificidade de tais textos e a necessidade de destacar esta nova fase do gênero. Várias características ligam a distopia contemporânea à linhagem tradicional que a precedeu; este artigo, porém, tem por objeto explicitar características que fazem com que os textos produzidos na atualidade se inscrevam em uma nova problemática.

O termo distopia foi utilizado pela primeira vez pelo filósofo John Stuart Mill em uma de suas falas no parlamento inglês para descrever uma realidade que ele considerava atroz no ano de 1868; o conceito, porém, só ganhou certo destaque no século XX. A distopia representa um gênero essencialmente arraigado na sociedade; dentre suas características mais marcantes estão a discussão de valores éticos ou morais e a denúncia de suas possíveis deturpações. Para este efeito, as distopias criam uma sociedade atroz, na qual os indivíduos que ali coexistem carecem de direitos básicos e, no universo da obra ficcional, estas prerrogativas são consideradas essenciais para o que se entende por condição humana. Vários textos teóricos têm buscado estabelecer padrões e lidar com as manifestações propostas pelo gênero desde seu surgimento. Tal origem, segundo Gregory Claeys (2010, p.110), estaria localizada em meados de 1756 com a publicação da obra *Vindication of Natural Society*, de Edmund Burke. Desde então, reflexões acerca de valores morais e éticos têm sido debatidas e atualizadas nestes textos e, por conseguinte, pelas teorias que buscam dar conta de tais narrativas. Existe uma tendência notável da distopia a possuir padrões temporais, a qual encontra-se no fato de tais textos refletirem as sociedades das quais são produto. Neste sentido, em um mundo dito globalizado, pode-se inferir que é esperado que a distopia seja reformatada mais pelo tempo do que pelo espaço. Pode-se observar que, na contemporaneidade, as fronteiras espaciais têm sido obscure-

cidas; porém, as mudanças tecnológicas constantes têm feito do tempo um fator de mudança social mais premente do que o espaço.

Chris Ferns¹(1999) vincula a distopia à utopia, pois o ideal pessimista, marca da distopia, apareceria após as decepções com promessas sociais utópicas que não foram concretizadas. Contudo, autores como Raffaella Baccolini(2004) denotam a persistência da esperança nas distopias contemporâneas, as quais romperiam com o ideal anti-utópico das distopias tradicionais. A atualização das distopias, que se convencionará chamar distopias contemporâneas, traz uma nova relação com a utopia, uma afinidade tênue com o pós-apocalíptico, perpassado principalmente por correntes trans e pós-humanas e também tem por foco uma discussão mais centrada no humano do que na sociedade *per se*.

Claeys(2010) divide o gênero distopia em dois momentos distintos, em um ensaio nominado “The Origins of Dystopia: Wells, Huxley and Orwell”. O autor redimensiona a famosa tríade do lugar de textos fundadores para a categoria de segundo momento do gênero, um período no qual a ênfase do não-lugar distópico era o cenário político e social. Contudo, as distopias deixaram de abordar essa temática como elemento central, e, ao invés disso, começaram a focalizar o componente humano e a refletir, em seus universos atroz, um futuro em que a humanidade não perdeu os seus direitos sociais ou “humanos” básicos, mas deixou de adequar-se ao próprio conceito de humano.

Compreendendo este novo momento do gênero, Eduardo Marks de Marques (2014) se apropria das divisões sinalizadas por Claeys e conceitua um terceiro momento no gênero distopia, o qual denomina terceira virada distópica. Para o autor, o elemento central de tais distopias não está focado no social ou no político, mas sim no corpo transfigurado pelo capitalismo tecnológico, permeado por sistemas pós e transumanos.

Marks de Marques sinaliza a tecnologia atrelada ao capitalismo e as correntes filosóficas pós-humanistas e transumanistas - conceitos que serão melhor abordados

na próxima seção - decorrentes deste processo como indutoras de um pensamento distópico contemporâneo (terceira virada). O sistema econômico é muito abordado em distopias tradicionais, como no caso de *We* de Yevgeny Zamyatin publicada em 1924 e de outras distopias da primeira metade do século XX. Porém, como se pode observar, a problemática do capitalismo na forma atual do gênero não se faz sentir apenas socialmente, mas invade e transfigura os corpos dos indivíduos. A ética com relação à instituição corpórea não se restringe à vida ou à morte do corpo, mas transpassa a sua forma e modifica até mesmo sua essência ou a relação entre esses seres com outros diferentes de si.

Assim, buscar-se-á versar sobre a especificidade dos romances distópicos contemporâneos e, para tal, utilizar-se-á as trilologias: *Feios* (2005-2007) de Scott Westerfeld, *Jogos Vorazes* (2008-2010) de Suzanne Collins, *Maze Runner* (2009-2011) de James Dashner e *A 5ª Onda* (2013-2016) de Rick Yancey. Propor-se-á, nas próximas três seções a discussão de peculiaridades do texto na atualidade, traçando um paralelo com os textos anteriores aos quais se nominarão distopias tradicionais.

SUBTEXTO UTÓPICO: ENTRE O PÓS E O TRANSUMANO.

Ao referenciarem-se no humanismo, o pensamento filosófico pós-humanista e o transumanista, dentro do recorte teórico utilizado neste trabalho, são movimentos opostos entre si. Segundo N. Katherine Hayles (1999, p.22), o pós-humanismo posiciona-se contra o movimento humanista, admitindo não que o homem é o âmago do universo, mas que várias formas inteligentes podem existir. Sendo assim, o centro que teria o discernimento e a racionalidade como prerrogativas e seria sinônimo de humanidade passa a não existir, pois outros seres poderiam subsistir e compartilhar de uma racionalidade similar ou mesmo mais elevada. Cary Wolfe (2010) acredita que o movimento pós-humanista emancipa ao mesmo patamar seres como animais, robôs ou alienígenas. A consciência não é mais humana, mas pós-humana. Portanto, esta corrente

trata de uma descentralização e, segundo o autor, não necessita recuperar traços humanistas ou se constituir como anti-humana.

Já o transumanismo não se opõe ou descentraliza o humanismo, mas, ao contrário, o intensifica. No humanismo o ser humano retira a divindade do centro do universo e da representação de beleza, e no transumanismo ele destitui do divino a incumbência da evolução de sua espécie. O homem seria então capaz de evoluir a si mesmo através da tecnologia, e a evolução estaria a cargo de seu desejo e não de uma ordem divina ou de processos naturais aleatórios.

A partir do exposto, pode-se observar que transumanismo e pós-humanismo ressignificam o componente humano e, como dito, analisar-se-á suas ocorrências a em distopias contemporâneas. Para tal discussão, buscar-se-á cotejar duas trilologias perpassadas por estas correntes filosóficas. Neste cenário, a trilogia *Feios* é representativa de uma realidade enfaticamente transumana e *A 5ª Onda* é concebida a partir de um ambiente agudamente pós-humano.

Os conceitos filosóficos aqui abordados são temporalmente sincrônicos. Logo, a questão social e a visão contemporânea para tais correntes são extremamente relevantes no universo das obras. Ambas as trilologias aqui analisadas questionam a fragilidade da organização social humana, bem como da centralidade humana da espécie como detentora de logos e, pois, superior as demais espécies do planeta. Desta forma, ambas projetam futuros em que a unicidade¹.

Na trilogia *Feios*, existe uma sociedade que se mostra descontente com a singularidade e “fragilidade” do corpo humano e acredita em uma certa equidade de corpos. Esta padronização se dará por meio de uma cirurgia que não apenas deixará todos os indivíduos atrativos, mas também melhorará suas visões, adições, longevidades, capacidades de resistência, etc. Neste processo, a sociedade divide-se, superficialmente, em seres que não fizeram a cirurgia (*Feios*) e os que já fizeram (*Perfeitos*).

Até aquele momento, Tally não havia se dado conta da importância da conversa, a primeira vez que Shay tinha expressado seu desejo de permanecer Feia. Se tivesse percebido na hora, talvez pudesse ter convencido Shay a desistir da fuga. E, agora, as duas estariam numa torre de festa, juntas e perfeitas. (WESTERFELD, 2016, p.218)

No excerto pertencente à trilogia *Feios*, pode-se observar a questão do humano frente a este futuro transumano que a protagonista Tally deseja. No contexto da passagem, ela é tolhida da cirurgia que a transformaria em uma Perfeita; essa operação corrigiria as imperfeições normais do humano e levaria os ditos Feios a um estágio transumano. A protagonista não entende a fuga da amiga e acredita que a está ajudando quando tenta entregá-la juntamente com os demais “rebeldes” para o governo. Todavia, após uma saga que leva ao seu esclarecimento, ela passa a descobrir coisas que a ressignificarão enquanto ser e que mudarão até mesmo seu conceito de humanidade. O corpo é sintomático neste caso, pois, como visto na passagem acima, as duas poderiam ter uma vida perfeita cheia de festas e diversões apenas se fossem Perfeitas. Enquanto Feias, as personagens são proibidas de ter um convívio social pleno, pois têm seu espaço em muito restringido.

A realidade futurística pós-humana não traz menos dificuldades para o humano normal. Na trilogia de Yancey, a humanidade entra em guerra com alienígenas racionais que tomam corpos humanos de maneira a extinguir a raça humana. Em várias incursões alienígenas, denominadas ondas, estes seres buscam retirar tecnologias e armamentos da espécie humana na mesma medida em que recorrem a pragas para reduzir consideravelmente a população. O cenário pós-apocalíptico da série demonstra a luta de poucos humanos sobreviventes contra estes seres para manter-se vivos e não cair nas armadilhas alienígenas que os levarão a extinção. Cassi, a protagonista da narrativa, em vários momentos da obra, descreve sua vida pregressa de modo lacônico. Ademais, ela narra a incapacidade da sua geração de prever a realidade atroz que estava por vir; uma socie-

dade que se torna pós-humana e que não tem mais o humano como centro da racionalidade e do universo.

É impossível ter certeza, mas aposto que os Outros sabiam dos alienígenas que imaginávamos. E aposto que eles acharam tudo muito engraçado. Eles devem ter rolado os traseiros no chão de tanto rir. Se é que têm senso de humor... ou traseiros. Eles devem ter rido como nós rimos quando um cão faz algo especialmente bonitinho e idiota, “Ah, esses humanos, tão bonitinhos e idiotas! Eles acham que gostamos do que fazem! Não é lindo?” (YANCEY, 2013, p. 13)

Na passagem acima, pode-se observar ainda um momento de transição, no qual existe uma busca de pertencimento a um ideal de humanidade, o qual é caracterizado pelo uso de “nós” enquanto oposição aos “outros”. Há, também, uma luta para retomar a antiga ordem social, visto que a sociedade atroz é uma realidade que retira o humano como centro. O problema para a personagem é o fato de que o humano é tratado como tratava outros animais, logo percebe-se em sua fala o quanto a personagem é perpassada por um ideal de sociedade antropocêntrico.

É importante pontuar que em ambas as trilogias, aqui analisadas, os movimentos transumano e pós-humano são pontos centrais na criação do universo distópico; logo, a ideia central das distopias contemporâneas é demonstrar como a tecnologia pode levar a espécie humana para um futuro distópico, seja ele permeado por uma temática trans ou pós-humana.

Outra aproximação entre as duas obras está no ideal utópico das mesmas, o que é sinalizado por Dunja M. Mohr (2007) em seu texto intitulado “Transgressive Utopian Dystopias: The Postmodern Reappearance of Utopia in the Disguise of Dystopia”. A autora afirma a existência de um subtexto utópico dentro das distopias modernas e até mesmo uma mescla entre utopia e distopia no gênero que chamará de “distopias transgressivas utópicas”, nas quais as narrativas poderiam ser vistas ora como distopia, ora como utopia, dependendo

do ponto de vista. Neste sentido, ao se analisar *Feios* ou *A 5ª Onda* é inegável um subtexto utópico muito similar em ambas as narrativas. Nelas, há uma noção de que o componente humano deveria ser intocado pela tecnologia. Tal hipótese estaria na retomada de elementos que deixariam o indivíduo em sintonia com um ideal humano, imutável e intrínseco a nossa espécie desde seus primórdios. Essa revisitação à essência humana na busca de um ideal utópico danificado pela sociedade e pela tecnologia está presente em todas as distopias contemporâneas e é paralela à imputação dos conceitos de pós-humano ou transumano.

A existência de um ideal utópico dentro das distopias contemporâneas é facilmente inferível nas obras aqui analisadas. No caso de *A 5ª Onda*, a personagem central é batizada de Cassiopeia, mas é comumente chamada de Cassie. A pronúncia de Cassiopeia em inglês se assemelha à junção do nome Cassie e utopia [kæsiou'pi:ə], sendo possível ler tal nome como uma referência a utopia de Cassie. Esta aproximação é significativa, pois a protagonista personifica de forma pungente o subtexto utópico dentro da obra. Ela se questiona sempre sobre o conceito do humano, para distinguir-se dos outros seres aos quais ela nomeia sintomaticamente como “Outros”, fazendo com isso uma clara oposição entre eles e os humanos. Na fala da personagem pode-se depreender uma necessidade de assimilar para si uma ideia de humanidade e a partir dela estabelecer o inimigo no campo de batalha: “Porque, se eu for a última, então eu sou a Humanidade. E se essa for a última guerra da Humanidade, então eu sou o campo de batalha.” (YANCEY, 2013, p. 167)

A busca de uma essência humana parece natural em uma sociedade pós-humanista como a de *A 5ª Onda*; porém, este mesmo questionamento ocorre na sociedade transumana de *Feios*. No terceiro romance da trilogia, Tally descobre que pertencia a um experimento que objetivava o controle dos danos genéticos.

Havia um tipo de beleza, um encanto que todos viam. Olhos grandes e lábios grossos, como crianças; pele sedosa e brilhante; traços

simétricos; e milhares de outras pistas. Em algum lugar no fundo de suas mentes, as pessoas buscavam esses sinais permanentemente. Ninguém podia evitar notá-los, qualquer que fosse sua criação. Um milhão de anos de evolução haviam tornado aquilo parte do cérebro humano. Os grandes olhos e lábios diziam: sou jovem e vulnerável, não posso machucá-lo e você quer me proteger. O resto dizia: sou saudável, não vou deixá-lo doente. E, não importava como se sentia em relação a um Perfeito, uma parte de você sempre pensava: Se tivermos filhos juntos, eles também serão saudáveis. (WESTERFELD, 2016, p.24)

Como é possível observar, Tally considera o fato de tornar-se Perfeita como parte de uma evolução biológica, a qual leva o humano para uma fase de perfeição que o auxilia, dentre outras coisas, em suas relações interpessoais. O corpo transfigurado traz uma aura quase mágica, na medida em que, dentro do universo da narrativa, é impossível nutrir sentimentos negativos por ele; essa premissa se ancoraria em algo biológico e primitivo, contra o qual nada poderia ser feito. A crítica da passagem acima se dá também na ideia de culpar a genética e buscar uma evolução do corpo.

Neste sentido, o lado distópico da distopia contemporânea objetiva o corpo como algo que departe de uma materialidade genética. No lado utópico temos o oposto, a visão de que o ser humano é necessita deixar de considerar seu entorno como produto, precisa inserir-se em uma relação harmônica com o planeta para além da racionalidade. A divisão ocidental entre corpo e logos proposta por René Descartes (1996 [1637]) afirma que o homem só existe quando pensa, logo exclui outros seres de um “merecimento” e os relega à inexistência e ao estatuto de coisa ou produto.

No que tange a relação entre homem e animal, Friedrich Nietzsche considera o homem como animal, mas o coloca como ser dotado de memória e esta diferença estaria potencialmente ligada à sua incapacidade de atingir a felicidade. Nesta seção, temos discutido a ideia

de Dunja M. Mohr (2007), que acredita na existência das utopias dentro das distopias modernas; pode-se aventar que, ao problematizarem a tecnologia em realidades horríveis, as distopias criam como efeito colateral uma ideia de utopia relacionada a essência humanista ou até mesmo naturalista. Neste sentido, o utopismo de um estado mais anterior relembra a busca utópica pela felicidade proposta por Frederic Nietzsche (2003 [1876]), no livro *Segunda consideração intempestiva*.

Considera o rebanho que passa ao teu lado pastando: ele não sabe o que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz por isto, nem melancólico nem enfadado. Ver isto desgosta duramente o homem porque ele vangloria-se da sua humanidade frente ao animal, embora olhe invejoso para a sua felicidade - pois o homem quer apenas isso, viver como animal, sem melancolia, sem dor; e o que quer entretanto em vão, porque não quer como o animal. O homem pergunta mesmo um dia ao animal: por que não falas sobre a tua felicidade e apenas me observas?(p.07)

No parágrafo acima, Nietzsche questiona a memória, colocando-a como fator que impede o ser humano de encontrar a felicidade. Neste sentido, o filósofo coloca todos os avanços tecnológicos e todas as ferramentas que nos distinguem dos animais como fatores que nos distanciam da felicidade e, portanto, da possibilidade da utopia. A memória é atribuída ao passado e ao futuro, já que para Nietzsche ela organiza a noção de tempo. O ser humano, sendo supra histórico, traz consigo o peso do tempo; ao rever o passado ele restringe o futuro, o peso do futuro, e a reflexão acerca das próprias ações em decorrência do mesmo estariam nos afastando de um ideal.

Pode-se dizer que um desapego à esperança para com o futuro e a vivência real no presente nos aproximaria do caminho da felicidade. Entretanto, a esperança é um conceito frequentemente relacionado à humanidade.

Ernest Bloch (1995), no livro *The principles of hope*, busca conceituar a utopia em um contexto no qual, segundo ele, é impossível não ter esperança. Para o autor, a realidade é a expectativa da própria realização. Neste sentido, a esperança ganha uma nova conotação e torna-se, também, o nome dado ao ato de esperar. Assim, nada existiria se não possuísse intrínseco a si uma expectativa; por exemplo, um olho pode existir materialmente, mas de fato funcionalmente não o é se não houver nele a expectativa de enxergar. Seria orgânico a mente humana ter esperança. Contudo, o que anos de história têm mostrado à humanidade é que nem sempre essa esperança é positiva, e isso não se dá só pela nossa constituição, como visto por Bloch, mas também pelo então vivenciado.

ACHÁVAMOS QUE ÉRAMOS HUMANOS

Assim como em muitas distopias tradicionais os indivíduos geralmente não sabiam que pertenciam à uma realidade atroz, a distopia contemporânea busca majoritariamente omitir as características transumanas ou pós-humanas dos seus cidadãos, os quais creem estarem imersos em uma sociedade humana. O grau de alienação vai desde a mentira sobre a ausência de tais características à simples adesão destas características em um sistema normativamente humano.

Observando-se os sistemas distópicos tradicionais, pode-se verificar que os regimes totalitários geralmente apregoam suas lideranças e seus sistemas sociais como salvadores, mas não como ditaduras atroz. Neste mesmo sentido, parece que existe determinado componente ético que não permite às sociedades distópicas contemporâneas vincularem-se às plataformas pós-humanistas ou transumanistas, preferindo divulgarem-se como humanistas, movimento que possui uma base ética mais sólida.

Neste caso, pode-se citar primeiramente a trilogia *Maze Runner*, pois esta característica é pungente nas obras. Os indivíduos, além de serem colocados em um labirinto sem contato algum com o mundo exterior, têm suas memórias apagadas e começam então a reinven-

tar uma sociedade com base no entorno e em algumas memórias funcionais que foram mantidas.

Ele ouviu o rressonar suave dela enquanto dormia, mas sabia que para ele seria impossível dormir. Ainda assim era melhor do que o vazio insensível em que se encontrara antes. Só podia ficar ali sentado e olhar pela janela para a chuva e a escuridão, ponderando sobre palavras como “Fulgor”, “doença”, “experimento”, “Cáustico” e “CRUEL”. Só podia ficar sentado e esperar que as coisas pudessem ser melhores agora do que tinham sido quando estavam no Labirinto. (DASHNER, 2010, p.368)

O trecho acima é extraído do primeiro volume da trilogia e demonstra o quanto os personagens são salvaguardados das reais intenções do sistema e do entorno pós e transumano. Todavia, ainda que estes seres tenham como uma de suas poucas certezas o fato de possuírem intocada sua essência humana, tal pureza é inexistente, já que estes são experiências. Em *Maze Runner*, todos os indivíduos sabem que perderam as memórias, que algo está lhes sendo ocultado, porém eles preferem prestar atenção na rotina diária e evitar grandes reflexões sobre o que fazem dentro do labirinto e qual é a grande intenção por trás de quem os colocou ali.

A sociedade narrada na obra é pós-apocalíptica e a humanidade na obra precisa evoluir para um novo estágio para que não pereça. Como parte de um experimento, indivíduos foram sendo constantemente alterados e colocados no labirinto; tal iniciativa se dava na luta contra o “fulgor”, doença causada pelo sol e cujos sintomas incluem a loucura e a eventual morte. Para serem melhor controlados, estes indivíduos são levados a acreditar que são humanos destituídos de suas memórias, mas na verdade pode-se considerá-los alternativas evolutivas que são mantidas até que uma, por fim, se torne resistente às novas condições do ambiente.

As explosões solares não puderam ser previstas. As explosões solares são normais,

mas aquelas foram sem precedentes, imensas, tornando-se cada vez mais intensas... e, quando perceberam, foi apenas alguns minutos antes que o seu calor se abatesse sobre a Terra. Primeiro os nossos satélites se queimaram, e milhares de pessoas morreram instantaneamente, milhões em alguns dias, incontáveis quilômetros de terra tornaram-se terras devastadas. Então veio a doença. - Ela fez uma pausa, recobrou o fôlego. - Quando o ecossistema foi destruído, tornou-se impossível controlar a doença... até mesmo mantê-la na América do Sul. As selvas desapareceram, mas os insetos não. As pessoas agora chamam a doença de Fulgor. É uma coisa horrível, horrível. Só os mais ricos podem se tratar, ninguém é curado. A menos que os rumores que chegam dos Andes se confirmem. (DASHNER, 2010, p.366)

Como pode-se observar, a obra traz um ambiente que evoluiu e que pede ao humano que faça o mesmo. A discussão da evolução natural humana perde lugar frente a uma catástrofe que força a humanidade a rapidamente evoluir, sendo impossível esperar milhares de anos, visto que pessoas estão morrendo. O limite da ética é posto de lado frente ao número de mortos. É no apagamento e nos silêncios que a falta de ética se torna mais premente, pois estes seres não podem saber o que são ou representam. Nessa negativa de definição, há o reconhecimento da quebra do componente ético ligado à figura humana e ao ideal humano enquanto materialidade criada por Deus.

A característica da alienação é vista também em sociedades distópicas pós-humanistas. A distopia *A 5ª Onda* trata de uma sociedade que está sendo invadida por alienígenas e discute a confluência dessas duas consciências. No quesito da negação de quem se é, a distopia joga com uma percepção “natural” do ser humano, pois os indivíduos entendiam a consciência humana enquanto central ao universo, pensamento que ainda é largamente difundido em nossa

sociedade. Contudo, o que essa sociedade problematizará é a possibilidade de engano e de outras consciências e racionalidades tão ou mais perspicazes que a humana.

— Isso acaba comigo — solução. — A confiança dele. Como o jeito que nós confiávamos antes de eles chegarem e explodirem todo o maldito mundo. Confiamos que, quando a noite chegasse, haveria luz. Confiamos que, quando quiséssemos a droga de um frappuccino de morango, era só botar o traseiro no carro, sair dirigindo pela rua e comprar o maldito frappuccino de morango! Confiamos...(YANCEY, 2015, p.247)

Como é possível observar na passagem acima, a distopia de Yancey frisa a ideia de confiança na alienação, e como resultado disso, a humanidade não pode preparar-se adequadamente para o caos que estaria por vir. Em *Maze Runner* o governo mantém os indivíduos ignorantes sobre sua condição e confiantes da identidade que o regime lhes atribui. No mesmo sentido, a distopia de *A 5ª Onda* estabelece muitos pontos de contato com a sociedade atual e brinca com um temor entranhado à ela, a possibilidade de nos ser negado o conhecimento da existência de outros seres e de que isso se dá para que melhor possamos ser manejados. Em ambas as sociedades, movimentos pós e transumanistas são negados em prol de um melhor controle e manutenção das massas.

A EVOLUÇÃO DO CORPO COMO MECANISMO DE EXCLUSÃO.

Em distopias tradicionais como *1984* de George Orwell, *We* de Yevgeny Zamyatin ou *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley existe uma pequena parcela que detém poderes e conhecimentos inacessíveis às demais partes da população. Contudo, a distopia contemporânea, em geral, marca o pertencimento ou a exclusão no corpo desses indivíduos. Assim, o objetivo desta divisão é trabalhar com a setorização dos corpos e as diferenças estabelecidas com e a partir destas materialidades.

Foram escolhidas para análise duas trilologias que destacam muito a corporificação de similitudes e disparidades e a exclusão decorrentes destes processos. A primeira obra é a trilogia *Feios*, distopia escrita por Scott Westerfeld, narrativa que retrata uma realidade onde todas as pessoas se submetem a cirurgias plásticas e transformam o corpo adequando-se e pertencendo a outros grupos. O corpo então torna-se modelo de identificação destas comunidades e a partir de suas aparências é que são atribuídos outros valores a estes indivíduos.

Na obra *Feios* pode-se observar a restrição desses corpos a espaços específicos. No início do primeiro romance, somos apresentados aos espaços de Vila Feia e Ilha dos Perfeitos. Os Perfeitos têm o direito de transitar na Vila Feia ainda que em geral não o façam, pois consideram os corpos que lá habitam nojentos. Os poucos Perfeitos que adentram nesse espaço são professores e outras autoridades; em sua maioria, os Perfeitos entendem os Feios como seres inferiores, incompletos e desinteressantes.

Embora tivesse decorado o mapa, se entrasse numa rua errada, Tally estaria perdida. Sem seu anel de interface, era invisível aos veículos. Seria atropelada como se nem existisse. De certa forma, Tally não existia por lá. Pior do que isso: ela era feia. Mas tinha esperança de que Peris não visse as coisas daquele jeito. Ou pelos menos, não a visse daquele jeito. (WESTERFELD, 2016, p. 15)

A partir do excerto acima, pode-se depreender a delimitação de espaço para cada corpo e a proibição de alguns ditos inferiores de adentrar no espaço de outros. O corpo na narrativa demonstra concepções de valores atrelados a si. Na distopia de Westerfeld, existe a migração dos Feios para o grupo dos Perfeitos; esta não se dá apenas espacialmente, mas a partir de uma mudança do corpo. Os Feios são levados a crer que o corpo com o qual nasceram é imperfeito; na passagem acima observa-se na fala da protagonista Tally que ela não gostaria que o amigo a visse “daquele jeito” e pode-

-se inferir que neste sentido ela não se considera feia enquanto representante de um grupo, mas sim no sentido denotativo do termo.

Ela levou os dedos ao próprio rosto e sentiu o nariz largo, os lábios finos, a testa grande demais e o volume dos cabelos crespos. Bastaria botar um pé fora do mato para ser notada imediatamente. Seu rosto parecia queimar sob a luz. O que estava fazendo ali? Devia ter ficado nas sombras de Vila Feia, à espera da sua vez. (WESTERFELD, 2016, p. 17)

Tally não se sente feia ou inferior dentro de seu grupo Feio e “humano”, mas se considera aquém do seu potencial que será atingido cirurgicamente; logo imagina que tornar-se Perfeitas, fará de sua existência atual insignificante. Este raciocínio é socialmente motivado, já que Tally aprende a detestar sua condição e a agradecer por essa ser transitória, já que ao completar 16 anos tornar-se-á perfeita e começará a ter valor e ser feliz.

Shay, eu nunca me acostumaria à ideia. Não quero ser uma feia para o resto da vida. Quero aqueles olhos e lábios Perfeitos, quero que todos me vejam e fiquem impressionados. E que todos que me virem perguntem “quem é ela?” e queiram me conhecer e queiram ouvir o que tenho a dizer. (WESTERFELD, 2016, p. 122)

Percebe-se na passagem acima o embate do ideal vendido pela sociedade frente à resistência de Shay de aceitar tais dogmas sociais. Assim, pode-se observar que a noção de cultura atrelada ao poder ganha os contornos do corpo no formato contemporâneo do gênero distopia. Tally, enquanto feia, é oprimida, mas é seduzida pela ideia de se tornar opressora aceitando essa relação como natural, visto que a relação opressor/oprimido é naturalizada por uma estrutura social que ecoa na aparência destes indivíduos.

O corpo também marca e é marcado como fator distintivo na distopia de Suzanne Collins, *Jogos Vorazes*;

porém, diferentemente da narrativa de Westerfelt, a sociedade criada pela autora não possibilita a ascensão corpórea e social a todos os indivíduos deste sistema. Os cidadãos que residem nos distritos têm seu corpo marcado pela atividade física que exercem. Já os cidadãos da Capital possuem corpos que transcendem a estrutura básica humana. Estes corpos são transfigurados na aparência exagerada, já que a Capital possui tecnologia e poder para tal.

As câmeras não tinham mentido sobre sua grandeza. De fato, eles não tinham capturado o bastante de toda a magnificência dos edifícios cintilantes em um arco-íris de cores que se erguem ao ar, os carros reluzentes que andam nas largas ruas pavimentadas, as pessoas vestidas de forma estranha com cabelos bizarros e faces pintadas que nunca perderam uma refeição. Todas as cores parecem artificiais, o rosa muito profundo, o verde muito brilhante, o amarelo doloroso aos olhos, como os discos redondos de um doce duro que nós nunca podemos bancar na minúscula loja de doces no Distrito 12. (COLLINS, 2008, p.90)

Na descrição feita pela protagonista, observa-se seu estranhamento em relação aos corpos tão diferentes dos quais estava habituada em seu distrito de origem. Destaca-se o corpo enquanto produto e representante do modo de vida de cada grupo e isto é facilmente apreensível na descrição de Katniss quando esta qualifica estes corpos como aqueles “que nunca perderam uma refeição”. Essa qualificação define tanto o grupo da Capital como o grupo da própria personagem e a relação entre esses corpos.

A protagonista de *Jogos Vorazes* tem acesso a estes outros corpos por estar inclusa nos jogos. A jornada da personagem de seu distrito em direção à arena demonstra uma inclusão processual desse corpo, antes excluído ao espaço e ao convívio com os habitantes da Capital e que aos poucos começa a se transformar para ser consumido por ela.

Então eles me puxam da mesa, removendo o fino robe que eu fora permitida a usar dentro e fora. Eu fico parada lá, completamente nua, enquanto os três me circulam, empunhando pinças para remover todos os últimos pedacinhos de pelo. Eu sei que deveria estar embaraçada, mas eles são tão diferentes de pessoas que eu não estou mais auto-consciente do que se um trio de pássaros estranhamente coloridos estivesse bicando ao redor do meu pé. (COLLINS, 2008, p.93)

É interessante notar que a personagem não define os corpos dos habitantes da Capital como pessoas. Pode-se denotar aí uma diferença tão atenuada entre esses corpos que os mesmos não se reconhecem como iguais. Outra questão é o processo de metamorfose sofrido pela personagem, já que o espaço dos *Jogos Vorazes* é um espaço midiático, onde esses indivíduos serão consumidos por um mercado e para um fim específico. Há uma adequação do corpo para que este seja incluído e consumido. Neste sentido, a noção de mercado é pungente, já que existe a compra e a vinculação do corpo a um ideal elegido pelas estruturas de poder da sociedade.

Em ambas as obras analisadas, o corpo é a instância que materializa a identidade do indivíduo. É possível dizer que a dicotomia corpo-mente se dilui na distopia contemporânea, já que para Tally ter um corpo “feio” reflete em sua própria autoimagem enquanto Ser. No mesmo sentido, Katniss busca manter traços corpóreos compatíveis com seu passado no distrito 12. Sua ojeriza por elementos vinculados a corpos da Capital representa sua resistência à identidade e ao modo de vida destes indivíduos.

CONCLUSÃO

A partir do exposto, pode-se depreender a importância dos movimentos trans e pós-humano aqui explicitados e as mudanças na visão do humano decorrentes de tais correntes. Neste cenário, a distopia contemporânea desempenha um papel singular, pois debate as possi-

bilidades de insucesso, os impasses éticos, políticos e sociais de uma forma distinta. O foco das distopias contemporâneas não é a ruína futurística do humano enquanto ser social, mas a ruína do humano enquanto conceito.

Este cenário produz distopias muito singulares; porém, ainda que a ênfase no seja um elemento de renovação do gênero, o ideal de pesadelo é frequentemente perpassado por distopias já há muito enraizadas. Neste sentido, na dualidade distopias contemporâneas e tradicionais do gênero, remontam textos que não apenas se relacionam com a sociedade, mas também com o próprio imaginário de pesadelo, estabelecendo dessa forma uma meta-reflexão. Assim como nos utilizamos do passado para montar o futuro, o “não-lugar” criado pelos temores humanos e inscrito no gênero distopia se inspira e reage a si mesmo. Neste sentido, padrões de coerção e de massificação se tornam recorrentes, em uma longa linhagem de textos que trabalham com as possibilidades do caos. Pode-se inferir que, da mesma maneira que a sociedade se atualiza e dialoga com sua história, esse “não-lugar” sofre o paradoxo de atualizar-se e de lembrar e estes dois processos são intrínsecos a ele, sendo também presentes neste terceiro momento do gênero.

O que existe tanto nas distopias transumanas quanto nas pós-humanas é um temor a ambos os sistemas e às ressignificações sociais que podem corroborar com a extirpação de componentes humanos. Pode-se aventar que seja esse o motivo por trás da discussão e do foco na essência que define a humanidade frente a realidades e modelos sociais que exacerbam esta reflexão. Na discussão do humano, questões como consciência e corpo emergem naturalmente, pois são intrínsecas ao questionamento acerca do homem enquanto ser pensante e enquanto corpo que performatiza e dá vazão a essa consciência. A questão da divisão de mente e corpo já problematizada por René Descartes no *Discurso do método*, publicada originalmente em 1637, parece ainda se refletir na forma como a narrativa concebe essas ambas as estruturas. Ademais, a problemática da separação ou aglutinação da dicotomia corpo/mente se

atualiza na medida que problemáticas filosóficas, como o transumanismo e o pós-humanismo, questionam o que é ser humano. Entretanto, esta é uma discussão que não é finda e nem passível de conformidade geral, mas vem sendo atualizada pela filosofia e também pela literatura, como é o caso da distopia contemporânea. A relação desmedia entre corpo e mente é denunciada pelas distopias atuais, na medida em que acreditam que a mente se tornou tão central que tem por objetivo dar nova forma ao corpo que a ela parece ineficiente.

NOTA

- 1 Sabe-se que existe um mito de unicidade humana, que se prova irreal na medida em que muitos indivíduos da espécie não são contemplados no ideal de humano. A face deste humano é masculina, cisgênera, branca e pertence a certos seguimentos da esfera social. Para maiores leituras sobre o mito da unicidade humana ver Stacy Alaimo (2016).

REFERÊNCIAS

- BACCOLINI, Raffaella. The Persistence of Hope in Dystopian Science Fiction, *PMLA*, Florianópolis, vol. 119, No. 3, p. 518-521, 2004.
- BLOCH, Ernst. *The Principle of Hope*. Tradução de: Neville Plaice. Massachusetts: The MIT Press, 1995.
- COLLINS, Suzanne. *Jogos Vorazes*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010 [2008].
- _____. *Em chamas*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011 [2009].
- _____. *A esperança*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011 [2010].
- CLAEYS, Gregory. The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell. In: CLAEYS, Gregory (Ed.). *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 107-131.
- DASHNER, James. *Maze Runner: Correr ou morrer*. Tradução de: Henrique Monteiro. Cotia: Vergara & Riba Editora, 2010.
- _____. *Maze Runner 2: A prova de fogo*. Tradução de: Henrique Monteiro. Cotia: Vergara & Riba Editora, 2011.
- _____. *Maze Runner 3: A cura Mortal*. Tradução de: Henrique Monteiro. Cotia: Vergara & Riba Editora, 2010.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Tradução de: Marian Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1637].
- FERNS, Chris. *Narrating Utopia: Ideology, Gender, Form in Utopian Literature*. Liverpool: Liverpool University Press, 1999.
- HAYLES, N. Katherine. *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- MARKS DE MARQUES, Eduardo. Da centralidade política à centralidade do corpo transumano: movimentos da terceira virada distópica na literatura. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, vol. 19, No. 1, p. 10-29, 2014.
- MOHR, Dunja M. Transgressive Utopian Dystopias: The Postmodern Reappearance of Utopia in the Disguise of Dystopia. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*, De Gruyter, vol.55, No.1, p.5-24, 2007.
- NIETZSCHE, Frederic. *Segunda consideração intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003 [1876].
- TURNER, Bryan. J. *The Body and Society: Explorations in Social Theory*. 3.ed. Los Angeles: Sage, 2008.
- WESTERFELD, Scott. *Feios*. Tradução de: Rodrigo Chia. Rio de Janeiro: Galera, 2016.
- WESTERFELD, Scott. *Perfeitos*. Tradução de: Rodrigo Chia. Rio de Janeiro: Galera, 2010.
- WESTERFELD, Scott. *Especiais*. Tradução de: Rodrigo Chia. Rio de Janeiro: Galera, 2011.
- WOLFE, Cary. *What is Posthumanism?*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- YANCEY, Rick. *A 5ª Onda*. Curitiba: Fundamento, 2013.
- YANCEY, Rick. *O Mar Infinito*. Curitiba: Fundamento, 2015.
- YANCEY, Rick. *A Última Estrela*. Curitiba: Fundamento, 2016.

O AUTOR

Anderson Martins Pereira é Doutorando em Letras com ênfase em Estudos Literários, na linha de Sociedade, (inter)textos literários e tradução nas Literaturas Estrangeiras Modernas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Instituto Federal Farroupilha (IFFAR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2667-8891>. E-mail: andersonmartinsp@gmail.com